

**A QUEDA DO DIABO DE SANTO ANSELMO E SUAS
IMPLICAÇÕES ONTOLÓGICO-EXISTENCIAIS: UMA PERSPECTIVA
CONTEMPORÂNEA**

*THE FALL OF THE DEVIL OF SANTO ANSELMO AND ITS
ONTOLOGICAL-EXISTENTIAL IMPLICATIONS: A CONTEMPORARY
PERSPECTIVE.*

Beatris da Silva Seus¹

Resumo: Em uma breve análise tentaremos compreender os principais apontamentos feitos por Santo Anselmo na primeira metade de sua obra denominada *A Queda do Diabo*, de forma a desenvolvermos uma investigação acerca de problemas ontológicos ainda tão caros para a Filosofia. Para tentarmos deixar a discussão em um nível atual, faremos uma aproximação com a nossa pesquisa de mestrado sobre o Existencialismo Francês, apenas como objetivo secundário. Questões como o Ser, o Nada, a origem do Mal e a Retidão da Vontade serão abordados a seguir.

Palavras-Chave: Santo Anselmo. Vontade. Existencialismo. Ontologia.

Abstract: In a brief analysis we Will try to understand the main notes made by Saint Anselm in the first half of his work called *The Fall of the Devil*, in order to develop an investigation about ontological problems still so expensive for Philosophy. To try to leave the discussion at a current level, we will approach our master's research on French Existentialism, only as a second ary objective. Questions such as Being, Nothingness, the origin of Evil and the Righteousness of Will Will be addressed below.

Keywords: Saint Anselm. Will. Existentialism. Ontology.

1. Introdução

No presente artigo analisaremos a primeira metade da obra *A Queda do Diabo* de Santo Anselmo, em que o filósofo e teólogo medieval tenta resolver o problema da origem do mal, trazendo à discussão elementos ontológicos, existenciais e também teológicos como a questão do débito ontológico. Para termos um melhor auxílio, dialogaremos com o artigo *A vontade Livre e a Retidão Moral: uma reflexão a partir do tratado sobre a queda do diabo de Santo Anselmo*, do Professor Doutor Manoel Vasconcellos. Acreditamos que assim será possível debruçarmo-nos nos conceitos mais implícitos inseridos na obra, que apenas um

¹ Mestranda em Filosofia pela UFPEL - beatriseus@gmail.com - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8373603127275109>.

especialista seria capaz de apontar. Tendo primeiro trazido à baila nossa interpretação no primeiro capítulo, e no segundo trazido a interpretação do especialista mencionado, esperamos poder contribuir em um terceiro momento de forma contemporânea à discussão existencialista ali presente. Para tal dialogaremos dessa vez com um filósofo ateu, Jean-Paul Sartre, que apesar de não se preocupar com a existência ou não de Deus, elabora um grande escrito ontológico chamado *O Ser e o Nada*, que parece possuir pontos em comuns com as preocupações medievais: a saber, o sentido do universo e sua constituição.

2. Uma breve problematização de *a queda do diabo*:

Conforme a tradição medieval, Santo Anselmo dedica parte de sua filosofia para a investigação do bem. Inicia, portanto, o capítulo primeiro de *A Queda do Diabo* afirmando que aos anjos também é dito que de Deus tudo o que procede é bem, e o bem é assim sua essência. Neste sentido, não só os homens, mas também os anjos haveriam recebido o bem celestial de Deus. Nesta medida, há um débito ontológico dizendo respeito aos homens e aos anjos: criados por Deus, eles possuem em si parte de sua essência. Santo Anselmo demonstra ser um predecessor do existencialismo ao contrapor o ser e o nada. “Portanto, tal como as coisas que são têm dele o serem algo, assim também as que não são ou as que passam do ser ao não ser, parecem ter a partir dele mesmo o ser nada”².

Inserir-se neste sentido a preocupação de descobrir se Deus tem o poder não apenas de criar o ser, mas também de criar o nada. Em forma de diálogo, Anselmo tenta clarificar essa questão. Neste primeiro momento, afirma que Deus não faz o não-ser. Tal argumento é evidenciado com a afirmação de que o criador é fonte de todas as essências, e tudo o que existe é Nele conservado. Se alguma essência deixa de ser algo, não foi porque Deus retirou sua essência, mas sim porque ela mesma regressou ao nada. Por isso afirma que “o não ser não provém dele mas, retirando o que emprestara como algo seu”³. Há neste sentido uma analogia entre o bem e a essência: da mesma forma que o bem é parte do supremo bem, não podendo o primeiro existir sem o segundo; segue-se que o supremo bem é suprema essência, e assim toda essência de todas as coisas participam do bem. Neste sentido, o nada ou o não-ser não podem ser fontes de Deus. Aqui vemos como o filósofo e teólogo medieval defende uma

²ANSELMO, *Diálogos Filosóficos*, p. 167.

³*Idem*, p. 169.

perspectiva diferenciada acerca da existência do mal. Mas, para não nos apressarmos na discussão, veremos melhor sobre isso mais a frente. Por hora, basta evidenciarmos que sendo Deus fonte do bem e do ser, Ele mesmo foi quem deu aquilo que os homens e os anjos receberam, a saber, a essência da vida.

Dialogando com problemas também bíblicos, no capítulo segundo Anselmo tenta responder o motivo pelo qual o diabo parece não per recebido a perseverança divina, diferentemente dos outros anjos. Tal questão é tão importante pois, na medida em que Deus não havendo dado tal dom ao diabo, o mesmo não poderia ser julgado, afinal, não teria sido possuidor da graça divina. “Portanto, é evidente que aquele anjo que permaneceu na verdade, tal como perseverou nela porque teve perseverança, assim também teve perseverança porque a recebeu, e recebeu-a porque Deus lha deu”⁴. Entendemos aqui, perseverança como a constância da permanência do bem dado essencialmente aos anjos. Neste sentido, o filósofo tenta demonstrar que foi o diabo que não permaneceu na essência divina perseverando-a, e não Deus que deixou de lhe dar tal qualidade. Tendo Deus sido justo com todos os homens e anjos, segue-se o problema do mal, problema este tão investigado durante a Idade Média. Isto porque o senso comum em geral, parece concordar que o anjo bom é aquele que recebeu tal possibilidade de Deus, na medida em que o anjo mau é aquele a quem Deus não a deu. Porém, nosso principal objetivo aqui é analisar juntamente com Santo Anselmo, como é possível resolver tal dedução.

Em um jogo lógico, no suposto diálogo entre Mestre e Discípulo, Santo Anselmo analisa a lacuna entre dar e receber algo. De acordo com ele, dar algo não se segue, necessariamente, que outro irá de o receber. E quando certa pessoa recebe algo, ela obtém tal recepção como consequência da doação. Neste sentido, fica no ar a pergunta: quando alguém não recebe algo, isso ocorre necessariamente porque não houve um doador? Anselmo dirá que não:

Portanto, aqui não dar não é a causa de não receber e, contudo, supondo que eu não dei, isto leva à conclusão que ele não recebeu. Um facto é que uma coisa seja causa de outra coisa, outro é a disposição de uma coisa ser causa de que outra se siga. (...) Compreendes, então, como julgo, que se tu recebeste porque eu dei, contudo daí não se segue que aquele que não recebeu não tenha recebido porque eu não dei. E, contudo, segue-se que se eu não dei, ele não recebeu⁵.

Nesta perspectiva, parece claro que podemos concluir que mesmo que um bom anjo tenha recebido sua perseverança no bem por Deus, mantendo-se firme neste caminho, disto não se segue que o anjo mau não se manteve na perseverança porque não houve a doação

⁴ANSELMO, *Diálogos Filosóficos*, p. 171.

⁵*Idem*, p. 173-175.

divina. Neste momento vemos a necessidade de Anselmo trazer termos como “poder” e “vontade” para a investigação. De acordo com o filósofo, é claro que Deus deu a todos os anjos a vontade e o poder de receber sua doação da perseverança. Pode parecer contraditório como um anjo pode não receber este presente divino se o mesmo foi dado a todos os anjos. Porém, um não é necessário ao outro: não é porque Deus deu o poder e a vontade de receber a perseverança, que o receptor necessariamente a tenha recebido. Neste momento do diálogo, o discípulo (talvez fictício) não está convencido da resposta de seu mestre. Por isso o mestre pergunta ao mesmo se ele nunca começou um projeto com grande força de vontade e – perto de atingir sua finalização – desistiu do mesmo. Obviamente o discípulo responde que sim, e neste momento o mestre pergunta por qual razão seu discípulo não perseverou na vontade de concluir seu projeto. O mesmo responde que isto não ocorreu porque não o quis, e aqui se distingue perseverar na ação e perseverar na vontade.

Se de novo se pergunta por que razão não perseveraste na vontade, deve dar-se outra causa, a saber, aquela de onde surgiu o defeito desta vontade, diferente de que não perseveraste em querer a vontade. De facto, não respondendo outra coisa, mostras isso mesmo que se pergunta, isto é, que não perseveraste na vontade de perseverar na ação⁶.

Define-se logicamente que perseverar na vontade e na ação não pode ser outra coisa além de perseverar ou permanecer no querer. Desta forma, Anselmo aponta que o diabo apesar de ter recebido o querer e o poder de receber a perseverança, acabou por não perseverar por não ter permanecido no querer. Reitera-se assim que Deus deu a perseverança ao diabo, mas mesmo assim ele não a recebeu ao abandonar sua conservação. E neste sentido, conclui-se que nem sempre o querer manter algo antecede o querer abandonar: se alguém quer desfazer-se daquilo que possui, é porque não o quer manter. Desta forma, o próprio diabo – querendo o que não devia – expulsou a boa vontade e a perseverança dada por Deus. Ou seja, Deus lhe deu algo, que o diabo mesmo com sua má vontade não manteve. Assim sendo, o diabo negou participar da justiça e do aprazível, onde se encontra a felicidade verdadeira, natureza que todo ser racional quer. Querendo ir além de sua natureza impondo-se perante Deus (querendo inclusive ser seu semelhante, ultrapassando os planos divinos), o diabo teve uma vontade que passou além da justiça, e eis o seu pecado.

A discussão de Anselmo ultrapassa a questão do diabo para a investigação dos demais anjos, inclusive dos réprobos, a saber, aqueles que caíram. A análise do filósofo requer uma leitura dos anjos conforme suas partes. Em geral, aqueles anjos réprobos não conservaram a justiça, ou seja, não seguiram a retidão divina. Haveria neste sentido dois estágios na

⁶ANSELMO. *Diálogos Filosóficos*, p. 177.

formação dos anjos: pré e pós a queda do diabo. Primeiramente, é claro que alguns anjos pecaram antes da queda de Lúcifer, mas há aqui um sentido ainda de formação daqueles anjos:

Assim, aqueles anjos que quiseram mais a justiça que tinham do que aquele <<mais>> que não tinham, receberam, por justiça retribuída, o bem que perderam, por assim dizer, por causa da justiça, no que dizia respeito à vontade, e permaneceram verdadeiramente seguros daquele que tinham. Por isso foram promovidos a tal ponto que alcançaram tudo aquilo que puderam e já não veem nada mais que possam querer. E é por isso que não podem pecar. Mas aqueles anjos que preferiram aquele <<mais>> que Deus ainda não lhes queria dar, do que ficar na justiça em que tinha disso feitos (...) perderam o bem que tinham. Portanto, os anjos ficaram separados, de tal modo que os que aderiram à justiça não possam querer nenhum bem de que não gozem, e os que a abandonaram, não possam querer nenhum de que não careçam⁷.

Desta forma podemos concluir que Santo Anselmo defende que – assim como a criação do mundo – a criação dos anjos foi marcada por fases e progressões até que se fosse possível atingir a justiça e a perseverança do bem divino.

Um termo importantíssimo para conseguirmos entender porque os anjos, tendo recebido perseverança de Deus, optaram para o mal e à irracionalidade, é a questão da vontade e da má vontade. Isto porque os anjos caídos teriam assim sido por causa da própria vontade, e parece ser ilógico pensar de tal maneira. Tanto a vontade, o desejo, o querer e etc podem ser uma essência. Porém, estes termos podem ser convertidos a uma má vontade, um mau desejo ou um mau querer. Santo Anselmo é muito claro ao dizer que se perturba com a vontade má e perversa do diabo, mas é necessário indagar-se sobre a orientação da vontade mesma, pela razão de que Deus fez a natureza de forma tão excelente que deu com o livre arbítrio a capacidade de escolha dos anjos e dos homens. Assim sendo, a vontade e a orientação em si não são sinônimos do próprio mal. Na verdade, o próprio mal que nos faz ser maus e o próprio bem que nos faz ser bons são questões de um nível superior. Para deixar mais claro, é fato que a injustiça nada mais é do que a privação da justiça. Na mesma medida, o mal nada mais é do que a privação do bem. E nesse nível superior, tanto a justiça, quanto o bem são providos diretamente de Deus.

De facto, enquanto a vontade foi primitivamente dada à criatura racional e, simultaneamente, na própria doação, foi orientada pelo próprio doador – mais ainda, não orientada, mas feita reta para aquilo que devia querer – ela permaneceu na própria retidão que dizemos ser a verdade ou justiça na qual foi feita: foi justa. Inversamente, quando se afastou na retidão original e, por assim dizer, na retidão na qual foi feita. E quando a abandonou perdeu algo de grande e não recebeu nada em vez dela, a não ser a privação dela, que não tem nenhuma essência, e a que chamamos de injustiça⁸.

⁷ANSELMO. *Diálogos Filosóficos*, p. 189.

⁸ANSELMO. *Diálogos Filosóficos* p. 195.

Eis que a seguir surge o elemento existencialista e ontológico tão esperado deste tratado: a relação da essência e do nada. Na medida em que o mal é uma privação do bem, pode-se afirmar que o mal não é nada, pois se afasta e não possui essência. E dizer que o mal é algo, diz-se simplesmente por um erro epistemológico: o nada é sempre nada. Porém, não discordamos que o nome “nada” é significativo, por nos fazer pensar em algo. E Anselmo pergunta-se como esta palavra “nada” não significa nada, ao mesmo tempo, que significa algo. Primeiro, é claro que em sua opinião há uma ambiguidade, a saber, que não é contraditório que o “nada” signifique nada e algo ao mesmo tempo, havendo diversos significados e considerações a respeito deste nome (como, por exemplo, a distinção entre “nada” e “não-algo”).

Portanto, esta palavra, <<não algo>>, por estas diversas razões, até certo ponto significa coisa e algo, e de nenhum modo significa coisa ou algo. De facto, tem significado ao remover, e não significa ao constituir. (...) E é deste modo que não é contraditório o mal ser nada e o nome de <<mal>> ser significativo, se significa algo suprimindo-o, de modo a não ser constitutivo de nenhuma coisa ⁹.

É com este argumento que Anselmo defende que “mal” e “nada” não significam nada, sendo o mal um não-bem, ou ausência de bem onde Deus gostaria que o bem estivesse. Da mesma forma, o mal é nada, e o nada não é algo. Ao concluir essa linha de pensamento, o filósofo retoma a teoria de que os anjos teriam sido formados de uma forma totalizada, mas que essa forma totalizada seria apresentada ou evoluída por partes. Tal teoria é capaz de responder a origem do mal e a possibilidade de um anjo como Lúcifer ter-se voltado contra Deus, mesmo sendo possuidor de poder e vontade dados pelo divino. “Portanto, resta que aquele anjo que já foi feito apto a ter vontade, mas ainda nada quis, não pode ter de si a primeira vontade”¹⁰. Ou seja, há uma lacuna entre a perseverança dada por Deus inicialmente aos anjos, e o uso deles mesmos de suas vontades. Agindo conforme a vontade divina exercendo sua natureza, estes tornam-se bons. Afastando-se de suas naturezas e da vontade divina, atingem o nada – a saber – o mal. Eis que Anselmo insere aqui o conceito de felicidade em duas formas: aquela unida à justiça, e aquela que todos querem, mesmo os injustos. Em suma, todos querem para si o bem, o agradável e o aprazível, fugindo de seus opostos. E ninguém pode ser feliz ao não querer a felicidade, e desta forma, não deve ser feliz quem não quer a justiça. Eis as argumentações feitas por Anselmo na primeira metade da obra *A Queda do Diabo*, onde define o início de uma longa tradição ontológico-existencial.

⁹Idem, p. 201.

¹⁰Idem, p. 213.

3. Vontade livre e retidão moral:

Iremos agora focar em termos fundamentais da Filosofia Medieval, termos estes utilizados por Santo Anselmo na obra trabalhada. De acordo com Vasconcellos, a retidão moral entendida como o agir de forma justa é um tema presente ao longo do trabalho de Anselmo. Mostraremos aqui de forma sucinta, como Manoel Vasconcellos evidencia as relações e implicações da vontade, da justiça e da liberdade inseridas na criatura racional. Em suma, parte-se do pressuposto que criatura alguma possui algo que não tenha sido dado a ela pelo criador. Na medida em que tudo aquilo que é bom nos anjos e nos homens trata-se de uma doação divina, partimos neste ponto da consideração da existência de um débito ontológico da criação para com seu criador. Nessa perspectiva, criatura alguma tem de si o seu próprio ser ou os atributos ali inseridos. O comentador aponta como Anselmo "investiga a pertinência da hipótese da existência de um prévio conhecimento, por parte dos anjos bons, sobre o destino dos maus"¹¹. Assim sendo, é importante analisar de forma relacional termos como vontade e liberdade tendo como consequência a ação justa.

A fim de refletir sobre o papel da vontade na criatura racional, Anselmo faz uso de um inusitado artifício: procura detalhar o processo de criação de um anjo, uma espécie de composição do seu aparato volitivo, a fim de evidenciar que, na constituição volitiva da criatura racional, existem elementos que procedem diretamente de Deus¹².

Assim sendo, há a teoria de que o anjo teria sido criado primeiramente com aptidão para querer, mesmo que ainda nada queira, pois neste nível a vontade é apenas uma potência. Desta forma, evidencia-se como a vontade primeira estava presente antes de tudo em Deus, para depois estar presente na sua criação. Sendo a faculdade do querer insuficiente para a prática da vontade individual, soma-se aqui a busca pela felicidade, ou o que Vasconcellos chama de desejo pelo que é apazível. Ontologicamente falando, parece ser óbvio que a criatura espiritual e racional queira para a manutenção de sua vontade reta e de sua felicidade, assemelhar-se a Deus não fugindo do papel que lhe foi dado. Porém, Anselmo destaca que não podemos considerar injusto o desejo daquilo que é impossível ser desejado.

A criatura racional, enquanto possui unicamente a vontade natural de felicidade, só pode desejar a máxima felicidade possível; por tal razão, seu desejo de querer ser igual a Deus, ainda que não seja oportuno, tendo em vista que é uma criatura, também não poderia ser qualificado como injusto. Trata-se, em verdade de uma atitude inevitável e moralmente neutra, pois, mesmo que não se trate de uma vontade boa, não é possível, dadas as circunstâncias, adjetivá-la como má. Um

¹¹VASCONCELLOS, *A Vontade Livre e a Retidão Moral: Uma reflexão a partir do Tratado sobre A Queda do Diabo de Santo Anselmo*, p. 649.

¹²*Idem*.

elemento fundamental e imprescindível, a fim de que se possa avaliar moralmente tal desejo está ausente: falta, precisamente, a liberdade de ação¹³.

Nesta perspectiva, independente de sua natureza espiritual ou carnal, a criatura formada por Deus deve poder ter a possibilidade de ponderar desejos. Sendo possuidor de vontade, justiça ou retidão, a figura angelical racional é completa. E neste sentido, o agir bem nada mais é do que conduzir bem a vontade natural de ser feliz e a vontade natural de retidão e de justiça. É necessário moderar o desejo de felicidade para a ação justa pois a criatura racional pode cometer o erro de confundir a felicidade plena (graça divina) por um querer supérfluo, escolhendo assim o mal. E ao fazer essa escolha inicial pelo mal ou pelo bem, há - de acordo com Vasconcellos - a impossibilidade de respectivamente agir bem ou pecar. Dando continuidade à tradição platônica, Anselmo dirá que esse elemento habitual não retira a liberdade do ser.

A intenção de Anselmo no *De Casu Diaboli* não é simplesmente elaborar um tratado de angeologia. A partir da circunstância fornecida pela fé, em torno da queda angélica, discorre sobre o problema do mal moral, relacionando-o à vontade e à liberdade. O anjo, sendo puro espírito, não estaria submetido àquela força intensa que angustiava o *apóstolo das gentes*, diante da lei presente em seus membros e que se opunha à lei de Deus, fazendo-o clamar: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" (Rm 7, 24). Tal não é o caso da criatura racional angélica, razão pela qual, sendo puro espírito, expressa melhor do que a criatura humana, o desconcertante e desafiador problema do mal moral; afinal, como pôde fazer o mal um ser, puramente espiritual, criado bom e para o bem?¹⁴

Conforme estudamos na História da Filosofia, em geral as causas do mal moral são imputadas diretamente a um problema sensível, a saber, das paixões do corpo. Aqui, com a análise de Anselmo, há uma tentativa de compreender como seria possível que um ser puramente espiritual cometesse o mal e se afastasse de Deus, acarretando sua expulsão do paraíso. Para responder essa questão de nível metafísico, Vasconcellos aponta que Anselmo indagar-se-á acerca disso em um plano cognoscível. Ainda de acordo com o comentador, Anselmo parece focar em explicar que os anjos em um primeiro momento parecem não ter conhecimento do mal cometido por si. Em suma, o embate aqui envolvido diz respeito ao conhecimento versus consequencialismo: se os anjos agem de boa índole apenas pelo conhecimento, e assim medo do destino daqueles que cometeram o pecado; ou se os anjos bons agem assim simplesmente por serem bons. O que Anselmo parece defender aqui é que "o desconhecimento em causa não concerne ao que seja agir retamente"¹⁵. Essa tese

¹³VASCONCELLOS, *A Vontade Livre e a Retidão Moral: Uma reflexão a partir do Tratado sobre A Queda do Diabo de Santo Anselmo*, p. 650.

¹⁴*Idem*, p. 653.

¹⁵VASCONCELLOS, *A Vontade Livre e a Retidão Moral: Uma reflexão a partir do Tratado sobre A Queda do Diabo de Santo Anselmo*, p. 654.

denominada de "desconhecimento das consequências" de Santo Anselmo permite a defesa da retidão da vontade angelical. Isto porque o comentador em jogo nos demonstra que há uma conciliação entre vontade natural de felicidade e vontade de justiça na essência dos anjos. E para que os anjos consigam ter sua liberdade intacta, é necessário pressupor o desconhecimento das consequências de um comportamento tido como mal, pois só assim teríamos certeza de que essa figura angelical estaria agindo de forma autêntica. Porém, entrando em outro conceito caro para a Filosofia em si, parece-nos importante definir o conceito de liberdade para o filósofo trabalhado,

De fato, para ele, a liberdade não consiste, propriamente, na escolha entre diversas alternativas; a liberdade consiste no realizar uma ação em conformidade com a justiça, simplesmente porque se quer, isto é, sem nenhuma imposição, sem nenhum constrangimento e sem esperar algo em troca. Sendo *potestas*, a liberdade é algo mais do que a possibilidade de escolher; é uma força inata, própria da criatura racional, que impele ao bem¹⁶.

Nesta perspectiva, Anselmo não nega que a criatura racional deva buscar a felicidade. O Filósofo assume que se deva sempre ponderar entre um bem maior e um bem menor buscando agir de forma justa. Desta maneira, a felicidade poderia ser alcançada através do ato livre e justo. O comentador trabalhado, porém, destaca que apesar de os anjos serem criaturas racionais, é possível que esta busque abandonar a justiça em nome de um desejo de felicidade, perdendo-a instantaneamente. Temos aqui, da mesma forma que na tradição grega, duas interpretações da questão da felicidade: uma maior e uma menor. Isto porque o comentador trabalhado nos demonstra que permanecer na retidão (mesmo indo contra um desejo de felicidade passageiro e de curto prazo) implicará - por dom divino - na felicidade plena. Demonstrando influência grega em seu tratado, Anselmo propõe uma moderação da felicidade por meio da justiça e da graça. Algumas ambiguidades podem ser encontradas na obra de Anselmo tendo em vista a diferenciação ontológica entre Deus e suas criações

Há, pois, uma diferença ontológica fundamental entre Criador e criaturas; tal diferença possui óbvias consequências morais, quando considerada na perspectiva da criatura racional, uma vez que, por sua própria natureza, é chamada a participar, na medida do que lhe é possível, dos atributos divinos, buscando, por exemplo, ser justa e verdadeira, ainda que não possa ser a justiça e a verdade supremas. Ora, sendo assim, por que, então, é possível à criatura racional colocar-se contra essa justa e boa ordem?¹⁷

De acordo com Anselmo e com o comentador trabalhado, existe essa possibilidade a partir da questão da *voluntas*. Através da vontade, tanto homens quanto anjos podem exercer suas escolhas indo contra a vontade divina. Assim sendo, Santo Anselmo conclui com a escrita de *A Queda do Diabo*, que o anjo pecou, apenas, porque quis.

¹⁶*Idem*, p. 655.

¹⁷*Idem*, p. 657.

4. Implicações contemporâneas:

Diferentemente de Santo Anselmo, Jean-Paul Sartre, a quem nos propusemos trabalhar aqui, elabora um tratado ontológico da existência humana que não está fundamentado em elementos bíblicos, cristãos e afins. Determinado em elaborar uma análise ontológica, humanista e existencial da existência humana, o filósofo francês aproxima-se de Anselmo em alguns aspectos, mas afasta-se muito em outros. Primeiramente, é importante aqui ressaltar, que apesar de se considerar ateu, Sartre afirma em *O Existencialismo é um Humanismo* que o entendimento e importância de sua obra não pressupõe crer ou não em Deus. Na verdade, inseridos em um âmbito humano, poderíamos depender apenas de nossa própria companhia, estando assim desamparados frente a um Deus todo poderoso que haveria de ter criado a todos nós, possibilitando um dia a salvação e a apreensão de parte de sua graça. Desta forma, muitas vezes nos vemos acompanhados de angústia e desespero frente à nossa existência, tendo de conviver em um mundo de escolhas.

como tal, sou necessariamente consciência (de) liberdade, posto que nada existe na consciência a não ser como consciência não tética de existir. Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura do meu ser; e, como meu ser está em questão em meu ser, devo necessariamente possuir certa compreensão da liberdade¹⁸.

Ambos os filósofos trabalhados aceitam a ideia de que o homem está inserido no mundo sendo possuidor de liberdade ou livre-arbítrio. Porém, a diferença entre eles, é na questão da essência versus existência. Enquanto para Anselmo Deus teria posto nos homens parte de sua graça, inserindo neles a ideia de bem e também a capacidade de agir por si mesmos, em Sartre temos a noção de que a existência precede a essência. Desta forma, o homem nada mais é do que aquilo que expressa através de suas ações. Em certo sentido, a Filosofia Medieval em geral aceitaria muito bem que um homem é bom ou mal de acordo com suas atitudes; mas a diferença ontológica aqui, é que em um primeiro momento para Sartre, o ser não é nada. Aqui, há uma crítica inerente a algumas doutrinas filosóficas, incluindo doutrinas cristãs.

Esta discussão mostra que são possíveis duas e somente duas soluções: ou bem o homem é inteiramente determinado (o que é inadmissível, em particular porque uma consciência determinada, ou seja, motivada em exterioridade, converte-se em pura exterioridade ela mesma e deixa de ser consciência), ou bem o homem é inteiramente livre¹⁹.

¹⁸SARTRE, *O Ser e o Nada: Ensaio e Ontologia Fenomenológica*, p. 543.

¹⁹*Idem*, p. 547.

Sartre diria nesse sentido que a principal diferença entre sua Filosofia e a de Santo Anselmo está na consideração do "Para-si" versus o "Em-si". O Para-si faz referência ao sujeito autêntico que inserido no mundo moral, legal e etc. constrói seus próprios valores e elabora suas próprias leis, sem ferir a liberdade de *outrem*. O "Em-si" faz referência ao sujeito que indo contra a Filosofia sartriana crê que a sua essência precede a sua existência, e desta forma opta por seguir regras pré estabelecidas, como por exemplo, os mandamentos bíblicos que estão tão presentes em muitos tratados de Filosofia Medieval (se não quisermos chamá-los de teológicos). Desta forma, nos parece que apesar de defender a liberdade humana (e também dos anjos como pudemos ver anteriormente), Santo Anselmo não estaria de acordo com essa perspectiva humanista-existencialista do filósofo francês.

Apesar das distinções básicas feitas anteriormente, surge aqui a necessidade de pontuarmos algumas questões que já estavam presentes em Santo Anselmo e que em nossa opinião encaixam-se muito bem no que mais tarde vai se tornar o existencialismo. É instigante notar como Anselmo contrapõe o Ser ao nada, algo que vai ser novamente exposto muito tempo depois, de acordo com nosso conhecimento. Como exemplo disso, pegaremos o problema do mal. Enquanto muitos autores de sua época tentavam definir o que é o mal e como este seria possível de estar inserido no mundo frente à bondade de Deus, Santo Anselmo deu um salto argumentativo demonstrando que o mal nada mais é do que a ausência do bem, seja em homens, seja em anjos. Ou seja, o mal não é nada, diferindo-se do Ser. Desta forma, sua doutrina filosófica pautada por elementos teológicos permanece plausível e bem fundamentada. Apesar de não ser nosso foco aqui, é impossível não salientarmos também como Anselmo previu o que mais tarde seria desenvolvido pelo filósofo Immanuel Kant. Ao falar do processo de formação de anjos e da questão dos anjos caídos, Anselmo pergunta-se se faz alguma diferença que os anjos tenham conhecimento do pecado. Para recapitular, lembramos aqui que os anjos primeiramente recebiam a perseverança para depois serem aptos para agir de acordo com ela, ou de acordo com sua vontade não reta. O Filósofo conclui que independentemente do conhecimento do pecado, os anjos devem agir bem e perseverar, pois a ação não teria valor moral algum se fosse instigada pelo medo (a grande distinção entre agir por dever ou conforme o dever, de Kant).

Retomando nossa análise da ontologia existencialista, chamamos a atenção para o que o mestre afirma no início da *Queda do Diabo*, "talvez não seja contraditório significar nada e significar algo"²⁰. Aqui, ainda estamos inseridos na questão de como o mal pode ser um nada,

²⁰ANSELMO. *Diálogos Filosóficos*, p. 201.

e mesmo assim significar algo verbalmente. Deixaremos de lado a análise de que aqui Anselmo novamente está precedendo a Filosofia da linguagem e seus limites. É importante notar como o autor contrapõe o "nada" e o "não-algo" como já pontuamos numa citação anterior. O interessante aqui, que nos chamou a atenção, foi esse elemento ambíguo aceito nos escritos de Anselmo: de algo poder ser nada e constituir algo ao entendimento humano ao mesmo tempo. Dizemos isso porque a filosofia existencialista definiu-se como uma filosofia da ambiguidade. De acordo com Beauvoir, comentando Sartre, ela diz que em o Ser e o Nada "Sartre define fundamentalmente o homem, este ser cujo ser é não ser, esta subjetividade que não se realiza senão como presença no mundo (...) este surgimento para-si que é imediatamente dado para outro"²¹. Compreendemos assim, para não nos estendermos mais do que o esperado, que é inegável a possibilidade de elaborar comparações entre Santo Anselmo e filósofos modernos e contemporâneos, sendo a sua obra parcialmente atual.

5. Considerações finais

Em um primeiro momento admitimos que o título *A Queda do Diabo* nos remeteu a algo cômico. Porém, após adentrar aos seus principais movimentos argumentativos, tornou-se evidente que tínhamos em mãos um primor em nível de originalidade. Santo Anselmo foi capaz de defender veementemente problemas teológicos com o uso da razão, próprio da Filosofia. Seguindo a tradição platônica dos diálogos, o Filósofo sugou da racionalização teórica, argumentos inigualáveis, capazes de dar fim a contínuas discussões acerca da origem do mal, da queda de Lúcifer e da retidão da vontade. Independentemente disso - tendo em vista a natureza incansável dos filósofos em geral - novas teorias continuaram a surgir, tanto para criticar Santo Anselmo, como para defendê-lo e ultrapassá-lo cognitivamente. Pode ter parecido tolo tentar fazer uma analogia entre ele e Sartre, tendo em vista que no período medieval não se tinha grandes oportunidades de não crer nas escrituras, sendo o cristianismo algo que em analogia para nós é a ciência. Porém, resalto aqui a importância de tê-lo feito, pura e simplesmente pelo fato de que na tradição filosófica todos estamos juntos e nada constrói-se do zero. Temos sempre a continuidade de uma linha de pensamentos na tentativa de um dia - quem sabe - atingirmos a tão buscada verdade (busca que parece ser inerente aos animais racionais), ou então de fato admitirmos que não há verdade como pretendiam dizer

²¹BEAUVOIR, *Moral da Ambiguidade*, p. 05-06.

nossos filósofos franceses, tendo uma abertura para a pluralidade moral respeitando direitos individuais como o de sermos todos livres.

Referências bibliográficas

ANSELMO. *Diálogos Filosóficos*. Latim – Português. Tradução, Introdução e Notas de Paula Oliveira e Silva. Porto: Edições Afrontamento 2012.

VASCONCELLOS, Manoel. A Vontade Livre e a Retidão Moral: Uma reflexão a partir do Tratado sobre A Queda do Diabo de Santo Anselmo. *Conjectura: Filosofia e Educação – Revista de Filosofia*, Caxias do Sul, v. 21, n. 3, p. 645-658, set./dez/ 2016. ISSN 0103-1457. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4414>>. Acesso em: 06 de Dezembro de 2017.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio e Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdígão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

BEAUVOIR, Simone. *Moral da Ambiguidade*. Trad. Anamaria de Vasconcellos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.